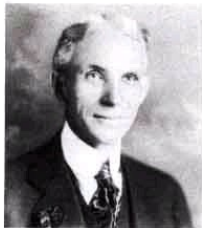


Título: Fordlândia do Brasil

Veículo: Revista Isto É - SP **Seção:** Livros **Centimetragem:** 0

Página: 112 e 113 **Data:** 11/08/2010 **Valor:** 0

Livros



VISIONÁRIO
O empresário Henry Ford: um mundo novo e "utópico" na Amazônia

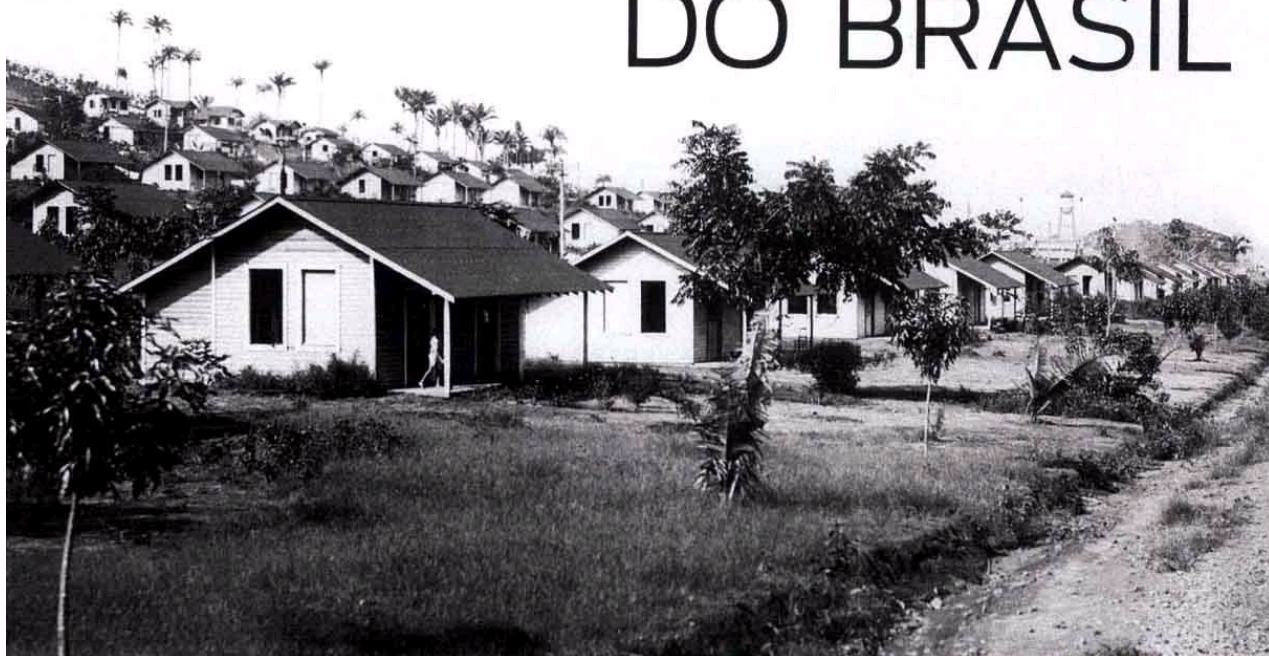
vegetação invadiu as ruínas dos barracões e das engrenagens de infraestrutura daquela que foi um dia um oásis de desenvolvimento no meio da Floresta Amazônica – ou, segundo alguns técnicos, o embrião da brutal devastação que se seguiria com as grandes “plantations” de soja e outras commodities cultivadas na região. Para o historiador americano Greg Grandin, autor do livro “Fordlândia – Ascensão e Queda da Cidade Esquecida de Henry Ford na Selva” (Editora Rocco), não foi apenas o desejo de expansão econômica e geopolítica que moveu o empreendedor Ford. Ele também alimentava a utopia

Entusiasmado pelo sucesso de sua indústria automobilística que ia de vento em popa no início do século XX e decidido a escapar do alto preço do látex comercializado pela Inglaterra, o empresário americano Henry Ford decidiu plantar seringueiras na Floresta Amazônica e de lá extrair a sua própria borracha, matéria-prima imprescindível aos carros que fabricava. Para isso, adquiriu um milhão de hectares de terra no Estado do Pará, às margens do rio Tapajós, e iniciou a construção do que ficou conhecido como Fordlândia, hoje duas cidades fantasmas e de difícil acesso: a

LIVRO CONTA COMO O EMPRESÁRIO AMERICANO HENRY FORD FUNDOU DUAS MODERNAS CIDADES EM PLENA AMAZÔNIA NO INÍCIO DO SÉCULO PASSADO

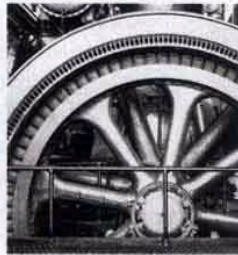
Natália Rangel

FORDLÂNDIA DO BRASIL



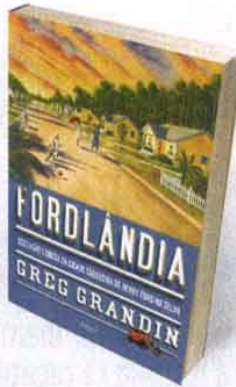
e a onipotência de levar o sonho americano para o meio da floresta e, à sua maneira, fez isso sem nunca pisar o solo amazônico. Em pouco tempo, entre o final da década de 1920 e o início de 1930, estava instalada uma cidade tipicamente americana, com hidrantes a cada esquina, automóveis, geladeiras, casas de madeira e campos de golfe. Nas fábricas e usinas para geração de energia e distribuição de água tratada, funcionários atônitos tentavam se habituar às novas regras que incluíam relógios de ponto, normas de higiene e restrição ao consumo de álcool. No Hemisfério Norte, a iniciativa do empresário causava certo alarde. "Henry Ford transplantou grande parte da civilização do século XX para a Amazônia, trazendo para os nativos uma prosperidade que nunca haviam experimentado", registrou um jornal da época. **"Ford irá governar no Brasil uma plantação de seringueiras maior que o Estado da Carolina do Norte", escreveu em editorial o "Washington Post"**. As dificuldades culturais, no entanto, eram muitas, já que tudo contrariava o ritmo de vida no Tapajós, "onde a pressa era considerada uma palavra obscena", como dizia o administrador americano em Fordlândia, David Rilker.

A empresa exigia que os trabalhadores se submetessem à coleta de sangue, tomassem quinino



"Os moradores de Fordlândia e de Belterra ainda estão à espera de Henry Ford"

Greg Grandin, historiador americano e autor de "Fordlândia"



CIVILIZAÇÃO
Detalhe do sistema de turbinas adaptado de navios da Marinha dos EUA: água clorada a todas as residências (abaixo)

e quenopódio contra parasitas. E a medicação era administrada regularmente aos funcionários, logo que passavam pelo relógio de ponto ao final do expediente. O autor conta que os trabalhadores escondiam o remédio sob a língua e não o ingeriam. "Os americanos acham que estamos cheios de vermes", diziam. A resistência foi um motivo crucial para o fracasso da empreitada de Ford, mas a 2ª Guerra Mundial e os altos impostos nunca pagos ao governo pela companhia americana acabaram determinando a venda das cidades ao governo brasileiro, em 1945, pela bagatela de US\$ 250 mil, valor muito inferior ao que foi pago 17 anos antes. O autor Grandin esteve duas vezes na região e, exatamente como há oito décadas, são necessárias 18 horas de barco até Fordlândia, viagem que o então presidente Getúlio Vargas fez num avião monomotor em 1930 a fim de conhecer suas modernas instalações. Possuía um reservatório de água com capacidade para 600 mil litros e um sistema de bombeamento que distribuía às residências, às fábricas e às plantações 1,9 mil metros cúbicos de água tratada retirada do rio Tapajós. O historiador revela que os poucos moradores que vivem hoje na região esperam que algum descendente de Ford apareça para uma visita. O vilarejo se tornou ponto turístico para aventureiros está até em guias de viagens. Um deles diz: "A Fordlândia nasceu e morreu esperando uma visita de seu patrono e mantém a melhor casa em permanente estado de prontidão." ■



Lê o trecho do livro em istoe.com.br

